

OS SISTEMAS TEMPORAIS EMPREGADOS NA NARRAÇÃO E O FENÔMENO DA EMBREAGEM

Vera Lúcia Massoni Xavier da Silva
Vera_massoni_xavier@hotmail.com
IMES- Catanduva

RESUMO

O modo de organização discursiva da narração admite o emprego dos dois sistemas temporais: enunciativo e enuncivo e de seus respectivos tempos verbais. No entanto, ocorre também o emprego de um sistema temporal por outro, o emprego de um tempo verbal por outro, caracterizando o fenômeno da embreagem temporal, neutralizando-se as categorias de concomitância, anterioridade e posterioridade do mesmo sistema e de sistemas diferentes.

ABSTRACT

The mode of discursive organization of narrative allows two temporal systems: Enunciative and enuncive and their respective verb tenses. However, it also occurs that the use of one temporal systems for another one, also, the use of one verb tense for another, which portrays the phenomenon of temporal shifting, neutralizing categories such as concomitance, anteriority and posteriority of the same system as well as diferentes ones

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir dos sistemas temporais: enunciativo e enuncivo, analisamos dois textos narrativos, objetivando detectar os tempos verbais empregados e o fenômeno da embreagem.

O sistema enunciativo é aquele que apresenta os acontecimentos ordenados a partir do momento de referência (MR) presente, que é concomitante ao momento da enunciação (ME). (Fiorin, 1997)

Diferentemente, o sistema enuncivo apresenta os acontecimentos ordenados a partir de marcos temporais (MR pretérito e MR futuro) instaurados no texto, não-concomitantes, portanto, ao ME (Fiorin:1996).

A partir do MR presente, sistema enunciativo, o momento do acontecimento (MA) pode ser concomitante, anterior ou posterior a esse MR, obtendo-se, desse modo, um MA presente, um MA pretérito e um MA futuro.

Os tempos verbais apropriados à expressão do MA presente, pretérito e futuro em relação ao MR presente são o presente, perfeito 1 e futuro do presente, respectivamente.

Em relação ao MR pretérito, não concomitante ao ME, há os MAs presente, pretérito e futuro, manifestados, respectivamente, pelos seguintes tempos verbais: perfeito 2 e imperfeito, que assinalam um acontecimento concomitante ao MR pretérito; mais-que-perfeito, cujo acontecimento é anterior ao MR e futuro do pretérito que expressa uma posterioridade do acontecimento em relação ao MR pretérito.

Considerando o MR futuro, observamos a ocorrência dos seguintes tempos verbais: presente do futuro, que assinala um acontecimento concomitante ao MR futuro, que, por sua vez, é não-concomitante ao ME; o futuro anterior, cujo acontecimento é anterior ao marco temporal de futuro e o futuro do futuro, que expressa uma posterioridade do acontecimento em relação ao MR futuro, como podemos observar nos exemplos abaixo.

Segundo Greimás e Courtès (1979:119), debreagem é a projeção para fora da instância da enunciação, diferentemente, a embreagem temporal é o “efeito de retorno à instância da enunciação”, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria de tempo. Dessa maneira, observamos o emprego de um sistema temporal por outro, de um tempo verbal por outro, neutralizando-se as categorias de concomitância, anterioridade e posterioridade do mesmo sistema e de sistemas diferentes.

Como exemplo de embreagem temporal, podemos citar as narrações televisivas de jogos de futebol. Nelas, o narrador emprega o tempo presente em lugar do perfeito 1, com o efeito de sentido de criar a ilusão entre a narração e o narrado.

Um outro exemplo muito frequente, em língua portuguesa do Brasil, é o uso do verbo **ir no presente** em lugar do futuro do presente, como se observa em:

- O que você vai fazer amanhã?
- Amanhã, eu vou à praia.

Nesses dois casos citados acima, há a neutralização das categorias topológicas de concomitância e posterioridade. Ressalte-se também que essa embreagem ocorre no mesmo sistema, ou seja, sistema enunciativo. Há, entretanto, que se considerar a possibilidade de neutralização das categorias topológicas de sistemas diferentes, como, por exemplo, o emprego do presente (sistema enunciativo) pelo perfeito 2 (sistema enuncivo).

OS TEXTOS EM ANÁLISE

Examinamos, neste trabalho, a possibilidade de embreagem em textos narrativos, para detectarmos quais tempos verbais e categorias topológicas podem se neutralizar. Para isso, analisamos os seguintes textos: *Vila dos Confins*, de Mário Palmério e *No caminho de Maiakovsk*, de Eduardo Alves da Costa.

VILA DOS CONFINS.

Galo de briga com vista vazada morre de banda cega. Todas as desgraças passam a chegar-lhe do lado escuro; o adversário, mal percebe a fraqueza do outro, descruza e cruza de novo o pescoço, e batoqueia e esporeia sem dó nem piedade, na nova e vantajosa posição. O mesmo aconteceu com o boi curraleiro, neste caso verdadeiro

passado em noite de lua, na fazenda do Boi Solto. Com a diferença de que a vantagem não a levou outro marruco brigão, e sim uma cobra sucuri.

Escondida no fundo da lagoa, rabo engatado até a raiz a cobra tocaia o boi carreiro. De fora da água, só a cabeça chata, escura e parada que nem toco de pau boiante e bem disfarçado na toureira de santa-luzia. Não era de agora que vinha vigiando a rês: já percebera o defeito na vista do infeliz - proeza de somenos para uma sucuri que se preza - medira o seu tamanho e se alegrara com a magreza dele. Menos carne, mas em compensação, menos trabalho.

Enchera-se de sal o cocho - outra notícia boa, sinal de que o boi viria beber água na lagoa a noite inteira. E foi o que aconteceu.

Da primeira vez, o curraleiro chegou acompanhado; da segunda, sozinho, mas ainda meio ressabiado; da terceira, demorou-se um pouco. Mas da quarta - lua quase a prumo, alumando que dava gosto - veio confiado e entrou no barro até o meio da canela.

A sucuri mergulhou macia, tão sonsa que nem meia borbolha se abriu no azul-escuro do lagoão, rente ao barro do fundo, veio vindo, veio vindo, sempre do lado cego do boi, até o ponto certo do bote. E adeus, boi vermelho-churriado, boi de guia sestroso, carreiro de estimação!

Um olho só, mas o suficiente para ver a morte na tromba pendurada das fuças. Memória de boi, mas memória que guardava muita história parecida, comentada em hora de serviço nas sonolentas estradas de carro, ou em hora de descanso, à lua e ao redor do cocho...Certeza certa do pior dos destinos: acabar em boca de sucuri...boca em ventosa - chupão maldito que nada amortece, a que nada resiste, vindo das profundezas de cinquenta palmos de esfomeação.

Mas boi curraleiro tem tradição de valente. Antes que de todo lhe falte o ar - quase tudo o que entra pela boca a sucuri vai chupando pelas ventas - ele reage. Abaixa a cabeça e tenta firmar o pescoço da cobra no barro mole, pisando-o com os cascos das mãos para forçar um repuxão salvador. Mas o corpo da sucuri escorrega que nem quiabo, molgueia que nem borracha, estica que nem visgo de leite de mangaba...

Então o boi se lembra dos seus tempos de carreiro, das toras que puxou, da disposição e da saúde que o promoveram a boi de guia de doze juntas respeitadas. Pinheiro de chifre, foi-lhe fácil cangar nas aspas, num golpe feliz, o corpo da sucuri, virar os pés, e despejar pasto acima. Mas aí é que entra na história o tal gancho que a cobra tem na ponta do rabo. Nó cego arrojado na raiz de um pau, a maldita deixa que o boi corra, a galope. Quantas braças - cinco, dez, vinte ... - quantas braças ele queira. Os cinquenta palmos de laço viram cem, o canudo de dois palmos de roda fica da grossura de um dedo, esticado como corda de viola. Bicho excomungado! E o boi desvira, que não aguenta mais o ajoujo que lhe entorta o pescoço e começa a desgrudar do osso da boca o couro do focinho. Mas não se entrega: finca os quatro cascos no chão, entesa as pernas, joga o peso no traseiro. Empaca.

A sucuri não se afoba. Grossa de dois palmos ou fina de um dedo só, continua sucuri do mesmo jeito - natureza dela... O nó em redor da raiz, no fundo da lagoa, mais acochado ficou, e aquilo de espicha-encolhe são artes já treinadas que nenhum sofrimento lhe dá. Ao outro, sim, que o ar rareia nos bofes e o sangue escorre dos beicós rasgados - e a vontade fraqueja, e a força não lhe obedece mais.

Coitado... Lá vem ele: os cascos rasgando o chão, que nem bico de arado. A sucuri diminui de comprido e vai aumentando de grosso. Só na beira da lagoa é que ela bambeia o laço e afrouxa o esticão. Mas tudo não passa de maldoso fingimento. O boi respira e destonteia, e recua outra vez. Mas a história é a mesma - boi empaca, a sucuri volta a arrastar o boi...

Esmoído de canseira, um bagaço, o curraleiro arria as cargas. Uma, duas, dez vezes a mesma agonia - espicha, encolhe, puxa, repuxa, arrocha, desarrocha. Adianta mesmo mais não.

Então é que o pobre boi de carro perde o respeito. Chora. Buezão desta grossura, choro triste, a coisa mais triste mesmo, de todas as desgraças deste mundo.

(Vila dos Consfins, Mário Palmério)

O narrador inicia o texto acima, relatando um acontecimento de consenso, utilizando-se do modo discursivo do provérbio. Em outras palavras, afirma uma verdade e, nessa afirmação, estabelece um acordo entre o destinador e destinatário para, em seguida, comprová-la com um caso. Parte, portanto, de um fato geral

Galo de briga com vista vazada morre de banda cega

em que a ausência do artigo definido **o** indica a generalização.

Para enunciar essa verdade de consenso, o narrador utiliza o sistema de tempos verbais enunciativo em que se observa uma concomitância entre ME, MR e MA. Entretanto o MR é ilimitado, também o sendo os MAs **morre, passam, percebe, descruza, cruza, batoqueia, esporeia**. Trata-se, então, do presente omnitemporal.

Após a apresentação do fato, o narrador expressa sua intenção de comprovação do mesmo. Para isso, apresenta uma ancoragem espacial **Fazenda do Boi Solto**; temporal **noite de lua** como também coloca em cena os personagens da narração **boi curraleiro, cobra sucuri**, empregando o sistema de tempos verbais enuncivo. Assim, a partir de um MR pretérito **em noite de lua**, há acontecimentos no perfeito 2 aconteceu e **levou**.

No segundo parágrafo, verifica-se a aproximação dos dois personagens **boi** e **cobra** e a apresentação do cenário onde as ações irão se desenvolver. O sistema de tempos verbais utilizado é o enunciativo, porém com valor de enuncivo, pois o tempo presente **tocaia**, no enunciado, tem valor de imperfeito, evidenciando a embreagem. Trata-se de um procedimento similar ao presente histórico. Assim, em

escondida no fundo da lagoa a cobra tocaia o boi carreiro,

o emprego do presente atual **tocaia** indica uma aproximação do narrador no enunciado, colocando-o, portanto, frente a frente com a cena, ao mesmo tempo que transmite ao leitor a imagem de um quadro real.

A duração do processo, explicitado por **tocaia** está no fato de que o presente tem valor de imperfeito, cujo aspecto é contínuo, indicando uma espera não medida e uma premeditação.

Em seguida, observa-se o emprego do imperfeito **era, vinha vigiando**, aspecto contínuo, cujo efeito de sentido é o de explicitação da ação da cobra que começou no passado, como se verifica no emprego do mais-que-perfeito **percebera, alegrara, medira**, cujo valor virtual é o de indicar uma anterioridade do acontecimento com relação a um MR pretérito.

não era de agora que vinha vigiando: já percebera o defeito na vista do infeliz - proeza de somenos para uma sucuri que se preza - medira o seu tamanho e se alegrara com a magreza dele.

O efeito de sentido produzido no emprego do mais-que-perfeito é o de premeditação da cobra, para atingir seu alvo, o boi curraleiro. Os próprios lexemas verbais **perceber, medir** permitem recuperar uma observação sistemática, contínua, **vinha vigiando**, portanto, uma premeditação.

De um modo bastante explícito, uso de travessão, o narrador interrompe o relato e expressa um saber partilhado no presente omnitemporal **preza**: toda sucuri tem percepção aguçada.

No terceiro parágrafo, há o uso do sistema enuncivo, explicitado pelo mais-que-perfeito **enchera**, cuja anterioridade do acontecimento (topicalizando a ação e não o agente na construção passiva) produz um efeito de sentido de causa provável de um acontecimento posterior e hipotético (boi vir beber água), como se observa em:

Enchera-se de sal o cocho, outra notícia boa, sinal de que o boi viria beber água a noite inteira.

O futuro do pretérito **viria** remete a uma posterioridade do acontecimento em relação a um MR pretérito. É uma antecipação imaginária, porém dotada de uma certeza, dado nosso conhecimento de mundo (quanto mais sal ingerirmos, mais sede e mais necessidade de água teremos). No emprego do perfeito 2, **foi o que aconteceu**, revela-se a concretização do que era hipótese em realidade.

No quarto parágrafo, os verbos no perfeito 2 **chegou, demorou, veio, entrou** remetem a acontecimentos conclusos e descontínuos, evidenciando uma progressão temporal das ações do personagem boi, nos elementos linguísticos: **da primeira vez; da segunda; da terceira; da quarta**.

Ainda nesse parágrafo, o narrador interrompe o relato das ações, recorre ao modo de organização discursiva da descrição, para apresentar o cenário onde os acontecimentos irão se desenvolver. A

interrupção do relato encontra-se claramente assinalada pelo uso de travessão, – **lua quase a prumo alumiando que dava gosto** -. O tempo verbal aí empregado é o imperfeito **dava**, indicando acontecimento em curso, no passado. É, portanto, nesse espaço claro, iluminado, que os acontecimentos terão lugar.

No quinto parágrafo, os verbos no perfeito 2 remetem a acontecimentos de aspectos diferentes. Assim, em **mergulhou, abriu**, o aspecto é conclusivo e pontual. São ações rápidas, mas silenciosas como bem o demonstram os adjetivos **macia e sonsa** e a construção negativa **nem meia borbolha se abriu**. Essas expressões linguísticas vêm corroborar a premeditação da cobra, como já afirmamos anteriormente. Em **veio vindo**, observamos um acontecimento em curso e igualmente lento, pois tal expressão verbal está reiterada no texto.

O sexto parágrafo se caracteriza por inserções do narrador a respeito do passado do personagem boi. Para isso, emprega os verbos no imperfeito **guardava e tinha**, estando este implícito. O seu aspecto contínuo, nos dá a ideia de que esse fato (a sucuri atacar) é comum, já acontecera com outros bois e, ao mesmo tempo, revela o destino certo do boi (morrer em boca de sucuri). Nova intromissão do narrador, dessa vez empregando o sistema de tempos verbais enunciativo, cujo efeito de sentido é o de corroborar a vitória da cobra. Trata-se de um julgamento pessoal, mas fundamental ao desfecho do relato, pois os verbos **amortecem e resistem** estão empregados no presente omnitemporal, expressando, portanto, uma verdade atemporal, como se constata em:

Chupão maldito que nada amortece, a que nada resiste, vindo das profundezas de cinquenta palmos de esfomeação.

É como se o narrador unisse o passado, **memória do boi**, ao presente atemporal, **a sucuri não perdoa**.

O destino do boi já está confirmado nesse parágrafo **acabar em boca de sucuri**, porém, no sétimo, o narrador abre uma expectativa de o boi se salvar e passa a mostrar a sua luta pela preservação da vida, fato introduzido pelo operador discursivo de oposição, **mas**. A partir daí, os enunciados que seguem apresentam uma alternância de ações dos dois personagens. Trata-se do conflito propriamente dito, evidenciado por interesses diferentes dos personagens: boi tenta salvar-se; cobra tenta vencê-lo. O sistema de tempo verbal empregado é o enunciativo com predominância quase que total do tempo presente.

Assim, antes de o futuro ruim chegar, ele luta contra ele, como se observa em:

Antes que de todo lhe falte o ar- quase tudo o que entra pela boca a sucuri vai chupando pelas ventas- ele reage.

O MR antes **que** ordena um MA em curso, expresso pelo verbo no subjuntivo **falte**. Na verdade, o ar já lhe está faltando e, por isso, entendemos que esse acontecimento é a causa do MA **reage** em que se verifica um presente omnitemporalizando o passado. Trata-se do presente histórico, cujo efeito de sentido é mostrar que um caso particular pode ser generalizado numa omnitemporalização do conceito de luta que comporta, no mínimo dois personagens, como se constata abaixo:

...quase tudo o que entra pela boca a sucuri vai chupando pelas ventas.

Abaixa a cabeça e tenta firmar o pescoço da cobra no barro mole, pisando-o com os cascos da mão para forçar um repuxão salvador.

mas o corpo da sucuri escorrega que nem quiabo, molgueia que nem borracha, estica que nem visgo de leite de mangaba.,

Em **boi curraleiro tem tradição de valente**, o presente omnitemporal **tem**, indica MR e MA ilimitados, sendo isso, sem dúvida, mais um dado informacional que contribui para que o leitor seja induzido a acreditar na possibilidade de o boi se salvar, fato negado no início do texto, como já abordamos.

No oitavo parágrafo, os tempos verbais predominantes são do sistema enunciativo, porém com valor de enuncivo, evidenciando embreagem, como se constata em:

Então o boi se lembra dos seus tempos de carreiro, das toras que puxou, da disposição e da saúde que o promoveram a boi de guia de doze juntas respeitadas. Pinheiro de chifre, foi-lhe fácil cangar nas aspás, num golpe feliz, o corpo da sucure, virar nos pés, e despejar pasto acima.

O presente **lembra** está empregado em lugar do perfeito 2. Tal verbo, cujo sentido é trazer à memória, justifica o emprego, no enunciado, do perfeito 1 **puxou, promoveram, foi**, cujo valor é de mais-que-perfeito, pois indica acontecimentos conclusos e anteriores ao MR **em noite de lua**, instaurado no início. Trata-se de ações passadas, trazidas à memória do personagem, que lhe imprimem marcas. Portanto, é a lembrança do que foi que lhe permite lutar, verificando-se, então, uma relação de causa e consequência.

Mais uma vez o narrador fornece ao narratário um dado informacional importante para a compreensão do desenrolar das ações, pois ainda que este não conheça uma sucure, aquele informa um detalhe, que justifica o enunciado seguinte, como podemos observar em:

... mas aí é que entra na história o tal gancho que a cobra tem na ponta do rabo,

cujos verbos estão no presente omnitemporal **entra e tem**.

No enunciado:

Nó cego arrojado até a raiz de um pau, a maldita deixa que o boi corra a galope. Quantas braças - cinco, dez, vinte... - quantas braças ele queira,

o presente **deixa** tem valor de perfeito 2; verbos no subjuntivo, demonstrando, do ponto-de-vista do boi, o desejo de se salvar, porém, com relação à cobra, vê-se a certeza, a confiança em si mesma **corra, queira**, em que se constata o emprego do presente do subjuntivo pelo imperfeito.

Ainda nesse parágrafo, na situação concreta da luta específica entre cobra e boi, observamos uma progressão de acontecimentos alternando as suas ações.

Os cinquenta palmos de laço viram cem, o canudo de dois palmos de roda fica da grossura de um dedo, esticado como corda de viola. Bicho excomungado! E o boi desvira, que não aguenta mais o ajoujo que lhe entorta o pescoço e começa a desgrudar do osso da boca o couro do focinho. Mas não se entrega: finca os quatro cascos no chão, entesa as pernas, joga todo peso no traseiro. Empaca.

Os verbos estão no presente com valor de perfeito 2, **viram, fica**, referentes à ação da cobra; **desvira, entrega, finca, entesa, joga, empaca**, indicativos das ações do boi. Diferentemente, os verbos no presente **aguentam, entorta, começa** estão empregados em lugar do imperfeito, revelando, dessa maneira, um aspecto contínuo, consequência das ações praticadas pela cobra.

O nono parágrafo se inicia com um julgamento do narrador:

A sucure não se afoba. Grossa de dois palmos ou fina de um dedo só, continua sucure do mesmo jeito- natureza dela...,

cujos verbos estão no presente omnitemporal **afoba e continua**, corroborando a certeza e força da cobra, já expressas anteriormente.

Após o julgamento, o emprego do perfeito 1, com valor de mais-que-perfeito, evidencia um acontecimento anterior ao MR, como se verifica em: **o nó cego em redor da raiz mais acochado ficou**. Trata-se da apresentação de ações que expressam a consequência do parágrafo anterior, isto é, em decorrência de a cobra deixar, deliberadamente, que o boi corra a galope, mais força ela empregou, para fixar-se no fundo da lagoa.

A ação da cobra é novamente julgada pelo narrador:
...e aquilo de espicha e encolhe são artes já treinadas que nenhum sofrimento lhe dão.

Nesse enunciado, observamos o presente omnitemporal **são, espicha, encolhe, dão**, cujo efeito de sentido é o de indicar que é comum à cobra utilizar-se desses mecanismos, desse poder elástico, empregados anteriormente, como se constata no uso do elemento linguístico **já**.

Em:

...ao outro, sim, que o ar rareia nos bofes e o sangue escorre dos beiços rasgados - e a vontade fraqueja, e a força não lhe obedece mais,

verificamos o emprego do presente **rareia, escorre, fraqueja, obedece** com valor de imperfeito, pois o que se constata é um estado contínuo, que revela a luta e a derrota do boi.

No décimo parágrafo, o narrador emite um julgamento **Coitado**, explicitando a derrota do boi, para, em seguida, relatar uma série de acontecimentos em curso, como se observa em:

Lá vem ele: os cascos rasgando o chão, que nem bico de arado. A sucuri diminui de comprido e vai aumentando de grosso,

indicando uma relação de causa e consequência, pois em “vem rasgando”, há uma aproximação do boi e, em “vai aumentando”, a consequência da aproximação, em outras palavras, a cobra espichou-se, diminuiu de grossura, porém, ao puxar para si o boi vai voltando, gradativamente ao normal. Trata-se mais uma vez do emprego do presente com valor de imperfeito.

Nos enunciados:

Só na beira da lagoa é que ela bambeia o laço e afrouxa o esticão

o emprego do presente **bambeia**, com valor de perfeito 2, é seguido de um julgamento do narrador, **mas tudo não passa de maldoso fingimento**, cujo efeito de sentido é o de explicitar a astúcia da cobra.

Em:

O boi respira e destonteia, e recua outra vez, mas a história é sempre a mesma - o boi empaca, a sucuri volta a arrastar o boi,

verificamos o emprego do presente **respira, destonteia, recua, empaca, volta**, com valor de perfeito 2, criando a ilusão de concomitância entre a narração e o narrado.

No enunciado:

Esmoído de canseira, um bagaço, o curraleiro arria as cargas. Uma, duas, dez vezes a mesma agonia – espicha, encolhe, puxa, repuxa, arrocha, desarrocha,

o presente **arria**, com valor de perfeito 2, e o presente reiterativo **espicha, encolhe, puxa repuxa, arrocha, desarrocha**, com valor de imperfeito, revelam o estado contínuo de luta incessante do personagem. Nesse momento, verificamos o clímax do relato, seguido por um julgamento do narrador: **dianta mesmo mais não**, que confirma o destino do boi já assegurado no início do texto.

Na conclusão, há o emprego do presente **perde, chora**, com valor de perfeito 2, como se constata em:

Então é que o boi de carro perde o respeito. Chora, bueção desta grossura, choro triste, a coisa mais triste mesmo, de todas as desgraças deste mundo

que retoma o início do texto em que o narrador expõe um caso geral, confirmando-o com o episódio do boi.

Pela análise, observamos que o narrador, ao apresentar os fatos, utiliza-se dos dois sistemas de tempos verbais: o enunciativo e o enuncivo. Porém, o sistema enunciativo tem valor de enuncivo, pois os verbos empregados no presente têm valor de perfeito 2 e imperfeito e o emprego do perfeito 1 tem valor discursivo de mais-que-perfeito. Trata-se, portanto, do emprego do presente histórico, cujo efeito de

sentido é mostrar que o caso particular pode ser generalizado numa omnitemporalidade. Ressalte-se que para a colocação de verdades de consenso, principalmente as que se referem à cobra, o narrador emprega o sistema enunciativo, explicitado no presente omnitemporal.

As duas figuras presentes no texto caracterizam o **dominador** (cobra) e o **dominado** (boi), porém tal dominação não se dá pela força, pelo tamanho, mas pela astúcia, pela premeditação. É graças ao emprego do sistema enunciativo com valor de enunciado que podemos ler essa dominação particular como geral e omnitemporal.

É possível também o emprego do presente com valor de pretérito em textos literários, para produzir o efeito de sentido de omnitemporalização do passado, como podemos observar no texto abaixo:

No Caminho com Maiakóvski

*Na primeira noite
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão'
e não dizemos nada.
Até que um dia
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a lua e,
conhecendo nosso medo
arranca-nos a voz da garganta.
E porque não dissemos nada,
Já não podemos dizer nada.
(Eduardo Alves da Costa)*

No texto acima, observamos o fenômeno da troca da referência temporal explicitada nos elementos linguísticos **Na primeira noite**, **Na segunda noite** e **Até que um dia**.

Assim, a referência temporal **primeira noite** remete ao acontecimento **aproximar**, que constitui a referência para o acontecimento seguinte, **colher uma flor**, já que para colhê-la, deve primeiro aproximar-se, evidenciando, desse modo, uma impossibilidade de mudança de ordem dos enunciados.

A referência temporal, **Na segunda noite**, ordena o acontecimento **pisam as flores**, remetendo à entrada do personagem no jardim, para, em seguida, **matar o cão**. Trata-se, na verdade, da mesma relação expressa nos versos analisados acima cuja ordem não pode ser alterada, dado o princípio de um enunciado ser a causa que possibilita a ocorrência do outro.

No décimo primeiro verso, há uma nova referência temporal **até que um dia** que ordena o acontecimento **entra sozinho** que, por sua vez, é a referência temporal do enunciado seguinte **rouba-nos a lua**, subentendendo-se **rouba a nossa paz**. Em seguida, o elemento linguístico **e** indica a sequencialidade temporal da narração e introduz o acontecimento **arranca-nos a voz da garganta**, que admite as seguintes possibilidades de leituras: matam-nos; anulam-nos; submetem-nos; dominam-nos.

O sistema de tempos verbais empregado no texto é o enunciativo, predominância do presente, porém com valor de enunciado, perfeito 2. Trata-se da omnitemporalização do passado, pois o narrador relata as ações dos invasores e suas próprias ações em relação a eles, cujo efeito de sentido é o de indicar a alienação, a omissão diante dos fatos da vida.

No final, porém, o emprego do presente, com valor de presente, **podemos**, introduz um julgamento pessoal do narrador personagem. Na verdade, todas as ações passadas, constituem a causa do acontecimento presente. Assim, **já não podemos dizer nada** é a consequência de não ter dito nada no passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos textos narrativos evidenciou o emprego dos dois sistemas verbais: o enunciativo e o enuncivo, porém o sistema enunciativo tem valor de enuncivo, pois os verbos empregados no presente têm valor de perfeito 2 e imperfeito e o emprego do perfeito 1 tem valor discursivo de mais-que-perfeito. Trata-se, portanto, do emprego do presente histórico, cujo efeito de sentido é mostrar que o caso particular pode ser generalizado numa omnitemporalidade.

No que diz respeito à embreagem, podemos afirmar que é possível seu emprego sem nenhuma condição predeterminante. Assim, neutralizam-se tempos de um sistema por outro; categorias topológicas dentro do mesmo sistema ou sistemas distintos, diferindo da descrição em que só há neutralização da concomitância do pretérito e do presente, portanto, emprego do presente pelo imperfeito, como pudemos constatar anteriormente. Ressaltamos ainda que, na narração, o emprego do presente pelo perfeito 2 (presente histórico) é bastante frequente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1966.

_____. **Problemas de linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

COSTA, Eduardo Alves. **No Caminho com Maiakóvski**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

FIORIN, J. L. **As Astúcias da Enunciação**. São Paulo: Ática, 1997.

GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP (s.d.).

PALMERIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Autêntica, 2019.